

*Vemos pais largando os filhos  
Com desprezo e indiferença,  
E os filhos em turba imensa  
Combatendo os próprios pais;  
Parentes contra parentes,  
Lembrando aversões em brasa,  
Unidos na mesma casa  
Sob direitos iguais.*

*Se sofrimento em família  
É o quadro em que te renovas,  
Tolera farpas e provas,  
Aceitando-as, tais quais são!...  
Não fujas!... Suporta e avança!...  
Sê tolerância, onde vás,  
Segurança pede paz  
E a paz é luz do perdão.*

## *Nesga de prova*

*Foi num cenário de atualidade,  
No recinto de luxo, o público à vontade,  
Delirava e aplaudia  
A jovem que aliava harmonia e beleza,  
Qual se fosse uma flor da natureza,  
Enquanto se despia...*

*A música ambiente  
Escorria no espaço, docemente.*

*A atriz desajeitada  
Que era o enfeite daquela madrugada,  
No palco debruado a cores fascinantes,  
Embora a movimentação cadenciada,  
Passo leve de cisne pequenino,  
Mantinha os olhos baixos,  
Tentando recobrir o corpo alabastrino  
Com os cabelos tecendo longos cachos,  
Como se desejasse  
Esconder no rubor da própria face  
A dor com que guardava o seu próprio destino.*

*O quadro da nudez artística surgia  
Apenas por instantes  
E, regressando a moça aos bastidores,  
Um senhor de alto porte  
Destacou-se de um grupo de senhores...  
Homem moço a exhibir gestos brejeiros  
Parecia chegando aos quarenta janeiros...  
Ausenta-se da sala e aguarda na saída  
A jovem que desponta, ainda mais bela,  
Nobrememente vestida.  
Embora revelando fino trato,  
Ele avança, zeloso, e diz à ela  
Quanto lhe admirara a beleza e o recato  
Na cena colorida  
Que ela marcara de ternura e vida.*

*Ela agradece a saudação  
E procura afastar-se;  
Ele, porém, sem mais disfarce  
Da educação que mostra atravessa o limite,  
Faz-lhe estranho convite,  
Mas jovem lhe fala, olhos em pranto:  
— Não me ofenda, senhor,  
Tenho somente dezessete anos...  
Espero para breve um casamento  
E se aceito esta ingrata profissão  
É pelo pagamento  
Para a manutenção  
De minha pobre mãe tuberculosa...*

*E acentuou mais triste e mais chorosa:  
— Ainda agora fui chamada  
Para vê-la, talvez, na despedida...  
Um longo tratamento foi inglório...  
Minha mãe, meu senhor,  
Agoniza, exilada em sanatório.*

*Ela contrata um táxi, apressada...  
O cavalheiro sob enorme assombro,  
Liga o seu próprio carro e segue-a na largada.*

*Entra a menina no hospital  
E ouve as opiniões de estimada enfermeira,  
Depois, segue ligeira  
Para o vasto aposento,  
Onde a mãezinha, em rude sofrimento,  
Aguarda a hora derradeira...*

*Entre as duas, o olhar é de angústia e de pranto,  
Repleto de aflição, de amor e espanto...  
Mas nisso o cavalheiro esbaforido,  
À custa do obséquio de um porteiro  
Que peitara a dinheiro.  
Rápido, alcança o quarto em forçado alarido...  
Vendo, porém, a dama quase morta,  
Assusta-se, recua e quer voltar à porta,  
Mas a doente ganha forças  
E vencendo a terrível dispnéia,  
Assombrada lhe diz:  
— Agenor!... Agenor!...  
Não fujas, nem desprezes nossa dor!...*

*A santa mãe de Deus  
É que te trouxe aqui,  
Não te vás!... Nada temos contra ti!...  
Vinte anos passaram de saudade,  
O tempo para mim foi uma eternidade...  
Esperei-te em serviço,  
Sem jamais esquecer o nosso compromisso,  
Até que o corpo frágil me traiu,  
A saúde caiu  
Mas nada me faltou...  
Nossa filha, empregada de escritório,  
É meu apoio neste sanatório...  
Mas agora... Agenor...  
A morte já vem perto...  
Perdoa-me se levo o teu amor  
No meu peito cansado, enfermiço e deserto...  
Mas... se posso fazer-te algum apelo,  
Ampara a nossa filha,  
Protege-a, sob a força de teu zelo...  
Jovem, quase menina,  
Ela é a nossa heroína  
Que nunca me deixou sem remédio e sem pão...  
Se é que vieste ver-me,  
Vem por Deus a fim de recebê-la,  
Como sendo no mundo a nossa estrela  
E o nosso coração...*

*O cavalheiro pálido, suspenso,  
Enxuga as próprias lágrimas num lenço.*

*Talvez pela energia despendida,  
A senhora calou-se em paz indefinida...  
Aquele corpo triste, enfim, morrera,  
Guardando da alma ausente um sorriso de cera...*

*Ante quatro enfermeiras espantadas  
O homem agora em pranto  
Humildemente busca a menina que chora,  
Toma-lhe a mão da qual não mais se desvencilha,  
Abraçam-se depois,  
Em soluços os dois...  
E olhos postos talvez nas brumas do passado  
O cavalheiro transformado  
Reconhece que achara a sua própria filha!...*